



Ruínas do castello d'Heidelberg

A parte mais antiga do castello d'Heidelberg passa por ter sido edificado no seculo XIV, pelo eleitor Otto Henry; mas a maior parte dos restos que ainda existem provem de um palacio construido no comeco do seculo XVII, pelo eleitor Frederico IV. Este celebre monumento está situado na beira escarpada de um rochedo suspenso sobre a cidade á entrada do valle de Necker. A vasta extensão de ruínas, cujos subterraneos descem até á praça principal da cidade, no meio da qual se eleva um albergue de caridade; a sumptuosa *sala dos cavalleiros*, com as suas columnas de granito, e estatuas mutiladas dos antigos eleitores e condes palatinos, e no meio de tudo isto o silencio da morte; as recordações do poder e da gloria e as vicissitudes da fortuna, tudo isto se reúne para interessar e internecer o viajante que contempla estes nobres fragmentos.

Por detraz do castello eleva-se a magestosa montanha denominada o *Geisberg*: os flancos e o cume são cobertos de castanheiros, faya e abeto. Em torno do castello estendem-se vastos jardins, cortados por alléas tortuosas, embellezados de arbustos raros e de flores odoríferas. A parte oriental d'estes jardins, que dominam o rio, assenta sobre uma serie de arcadas cuja alvenaria, vista das margens do rio Necker, produzem um effeito pittoresco. A espessa floresta que cobre a montanha vem juntar-se aos viveiros e ás plantações dos jardins, assim como ás ruínas do castello, entre as quaes se vê apascentar toda a especie de animaes selvagens.

Existio outr'ora um castello mais antigo e mais elevado sobre o rochedo, mas depois da construcção do seu ultimo edificio fôra abandonado, e uma das suas torres fôra convertida em arma-

zem de pólvora. No dia 7 d'abril de 1537 levantou-se uma tremenda tempestade sobre as montanhas, a cidade e o castello. Um raio cahido na torre causou uma terrivel explosão que abalando toda a terra e estremecendo a montanha fez desabar com immenso estrôndo as paredes do velho castello; as pedras e vigas foram precipitadas até á cidade; portas e janellas sahiram dos gonzos, muitas casas foram derrubadas e os seus habitantes sepultados nas ruínas. Foi grande o numero de victimas d'esta horrivel catastrophe.

O castello mais moderno soffreu bastante com a queda das pedras da torre. Diz-se que o eleitor Luiz V ao sair do seu gabinete de trabalho foi sepultado nos abysmos das ruínas.

Algum tempo depois repararam as devastações do castello; mas em 1622 foi destruido pelos hespanhoes. Finalmente, no reinado de Luiz XIV foi bombardeado duas vezes pelos francezes, commandados por Turenne e Mélaç. Por esta occasião cantou-se um *Te-Deum* em Paris, e cunhou-se uma medalha com a seguinte ambiciosa inscripção:

«*Rex dixit et factum etc.*»

Este edificio, tantas vezes arruinado, tendo sido reconstruido com maior magnificencia que outr'ora, veio a ser ainda mais uma vez o palacio do eleitor; mas em 1764, foi de novo incendiado pelo raio e desde este tempo ficou completamente abandonado.

AS SATYRAS DE NICOLAU TOLENTINO

(Continuado de pag. 340)

III

O *Ensaio biographico critico*, do sr. José de Tor-

res, estudo muito apreciavel com que vem acompanhada, como já dissemos, a magnifica edição empreendida pelos srs. Castros, tem, comtudo, uma feição bastante original. Succede habitualmente que os biographos dos escriptores, aquelles que se entregam a escripturas investigações acerca da vida e obras d'um poeta, apaixonam-se pelo assumpto, e tornam-se bravos defensores do seu biographado, pugnando contra que se ousem desacatar a supremacia intellectual do homem cuja physionomia desenhiam. Temos d'isso ainda recentemente um exemplo bem frisante no enthusiasmo não muito justificado com que o nosso grande romanista Camillo Castello-Branco apregôa o merito de Fernão Rodriguez Lobo Soropita, cujos manuscritos salvou do olvido em que jaziam, e onde podiam continuar a jazer, sem que perigasse demasiadamente com isso a fama do editor das *Rimas* de Camões. O sr. José de Torres, pelo contrario, parece adversario decidido do poeta, que foi assumpto das suas laboriosas e bem logradas investigações. A sua critica vae muito além dos limites da imparcialidade; é frequentemente injusta.

Em primeiro lugar o systema da critica analytica é o systema seguido pelo sr. José de Torres. Esta critica miudinha, que analysa verso a verso, e nota uma rima falsa n'uma peça de versos de elevado pensamento, fez no seculo passado as delicias dos ouvintes de La Harpe, e dos leitores de Marmontel; seguiu n'este seculo a critica differente caminho, e, em vez de aproveitar os descuidos dos grandes escriptores, applicou-se antes a observar de mais alto o seu genio, avaliando o conjuncto, e deixando os senões á conta da imperfectibilidade humana. Uma obra d'arte tem ou não tem grande valor? Se o tem pouco importam os leves defeitos que se observam com microscopio; se o não tem quanto mais de alto se vê mais se torna sensivel a sua mediocridade. Basta que a Batalha estampe ao longe, no azul do firmamento, as suas aereas formas, para que o espectador presinta que está ali um poema lavrado em pedra; basta que das alturas de Cintra se veja o convento de Mafra, como um gigante agachado no horisonte, para que se perceba que está ali apenas uma brutalidade de pedra.

Mas este systema de critica analytica, applicado ás obras completas d'um escriptor, é, para assim dizermos, quasi uma traição. Reunir-se acuradamente tudo quanto a penna d'um poeta produziu, bom ou máo, para depois aproveitar o complexo afim de censurar os defeitos inevitaveis, é uma contradicção flagrante. O nosso seculo aprecia muito as obras completas, porque vê nellas melhor estampado o pensamento do auctor; por isso tambem o nosso seculo regeita a critica analytica. Esta só é racional quando applicada ás obras escolhidas, ou, a querer levar ao extremo a severidade, áquellas que o proprio auctor colligio e apresentou ao publico. Applicada a Nicolau Tolentino, ainda se torna mais injusta; escriptor desigual, ora limava apuradamente as suas obras predilectas, ora escrevia ao correr da penna um memorial em verso. Ao mais eminente apreciador do merecimento da forma, e ao mesmo tempo dos menos indulgentes n'este ponto, o sr. Antonio Feliciano de

Castilho, ouvimos frequentemente dizer que as boas satyras de Tolentino são modelos de versificação, e que ninguem manejou com mais primor a quintilha. Se assim é, não podemos censurar as incorrecções que se encontram nas poesias menos limadas; está na confissão, a desculpa.

Reconhecendo o merecimento das satyras de Tolentino, ainda o sr. José de Torres se obstina em dar ao nosso poeta um logar secundario, e não ha maior elogio que julgue poder fazer-lhe do que: «tal pensamento é digno de Boileau.» Póde ser que me cegue o amor proprio nacional, ainda que eu não seja muito atreito a esses achaques, mas eu prefiro, sem hesitar, Tolentino a Boileau. O estylo d'este póde ser mais conforme ás regras, concedo que seja talvez mais correcto; mas onde se encontra no auctor dos *Embarras de Paris* a soberba colleção de typos que avultam nas satyras immortaes de Tolentino? O empavonado poeta cesarico de Luiz XIV tem lá nunca a desenfastiada graça, a viveza de colorido do nosso mestre de rhetorica! Como se sente que é no gabinete que Boileau afina o chiste, e engatilha o sorriso pomposo! E nas satyras de Tolentino, como nos parece vel-o passeiando na rua, embuçado na capa, espreitando os ridiculos, lampejando-lhe nos olhos a malicia peninsular!

E, enfim, diga-me o sr. José de Torres, é nas obras de Boileau que vae estudar os typos da corte de Luiz XIV? E onde encontra, a não ser nas satyras de Tolentino, o panorama animado da Lisboa dos fins do seculo XVIII? E quanto mais completo não seria ainda esse panorama, se as dependencias não atassem as mãos do poeta, se podesse, como Beckford, o chistoso inglez, empregar a sua veia no fertilissimo campo dos ridiculos fidalgos e cortezãos?

Perante estes predicados d'alto valor parecia-me justo que não se tocasse nas imperfeições secundarias. (1) Ainda se admittiriam n'um volume consagrado exclusivamente ao poeta, mas n'um estudo resumido, prejudicam, se assim me posso exprimir, a perspectiva do quadro.

Costa e Silva, aquelle honrado homem, a cujas laboriosas investigações muito deve a nossa litteratura, e que seria ainda hoje um escriptor muito apreciado, se não tivesse a desgraçada mania de fazer critica, sendo para ella tão fadado como um surdo para *maestro*, Costa e Silva

(1) N'essas mesmas censuras nem sempre é justo o sr. José de Torres. Apontarei um exemplo. É nas decimas ao leigo vesgo:

Da repentina estocada
Cae o padre desmaiado,
Mas quando recuperado
A ti os olhos voltou
Sabes o que te valeu?
Foi teres já almoçado.

•Mas o que succederia ao aggressor, diz o sr. José de Torres, diante dos olhos vesgos se estivesse em jejum? Quem poder que adivinhe.

Não é difficil; todos conhecemos a crendice popular que voga entre nós de que é pessimo agoiro encontrar-se em jejum um corcunda ou um vesgo.

O discordar das apreciações do sr. José de Torres em nada diminue o alto valor em que tenho a sua obra. É completissima a parte biographica, tão difficil de fazer. Com investigações laboriosas e sagazes, o sr. José de Torres reconstruiu, para assim dizermos, a vida, tão ignorada, de Nicolau Tolentino.

que descobriu que Bocage era um homem sem imaginação, e que tinha um fraco decidido pelos seiscientistas só porque elles rimavam bem, Costa e Silva formula ácerca das satyras de Nicolau Tolentino o seguinte juizo:

«As mesmas satyras tem perdido todo o seu interesse, porque, não tendo por objecto os vícios que são de todos os tempos, mas o ridiculo que constantemente varia, tornam-se frias para os leitores que não conhecem os originaes, cujas copias se lhes apresentam. As assembleas tem hoje outro character, as funcções de burrinhos passaram de moda e poucas pessoas sabem hoje aonde é a quinta de S. Martinho, onde tantas funcções se fizeram. Nicolau Tolentino é um poeta que todos gabam e que-mui poucas pessoas lêem.»

Era infeliz nos prognosticos o bom do Costa e Silva. M.^{me} de Sévigné presagiára que Racine passaria de moda como o café, o café não passou de moda, e Racine pouco desceu do pedestal em que o erguera a admiração de Versailles. Costa e Silva é que se illudiu radicalmente: Nicolau Tolentino, segundo se vê pelo ensaio do sr. José de Torres, é um poeta que nem todos gabam mas que todos lêem.

Perdem as satyras o interesse porque fustigam o ridiculo e não os vícios? Veja-se as *Femmes savantes*, e tantas outras comedias de Molière, onde é o ridiculo fustigado, e não os vícios, porque não me consta que seja vicio o pedantismo, veja-se se essas comedias perderam o interesse. É contudo o ridiculo fustigado é um ridiculo passageiro, mas apesar d'isso Philaminta e Belisa tem sempre o dom de excitarem as gargalhadas das platéas.

Que importa que não conhecamos os originaes? O grande merito de Tolentino está exactamente n'isso; em que os ficamos conhecendo. Os vultos que elle desenha vinol-os retratados no espelho da phantasia, e essas copias sublimes, cujos modelos pouco importam, adquiriram vida propria, independente da vida ephemera das pessoas retratadas. Que nos importa a Monna Lisa, cuja belleza passageira servio a Leonardo de Vinci para assumpto d'um quadro maravilhoso? O que nos importa é a *Gioconda*, com o sorriso enigmatico da juventude eterna.

Morreram os originaes de Tolentino, morreu o poeta, morreu o censor, e quando de Costa e Silva já nem o nome sobreviver, ainda os jarretas de Santa Catharina, e o poctastro do *Bilhar*, e o freiratico dos *Amantes* hão de existir na risinha immortalidade que o poeta satyrico lhes dou.

M. FINHEIRO CHAGAS.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 331)

XVI

As *Historias Florentinas* de Machiavel, das quaes nos occupámos nos ultimos artigos, terminam no anno de 1492.

Crê-se que tinha Machiavel intenção de continuar o seu tão recommendavel trabalho histo-

rico; por quanto depois da sua morte se encontraram alguns fragmentos (*frammenti storici*) escriptos por sua propria lettra, que abrangiam acontecimentos occorridos na Italia nos annos de 1494 a 1499. — Tambem foram encontradas algumas noticias biographicas, ou retratos de alguns Florentinos (*Nature di uomini Fiorentini*), taes como Pedro de Gino Capponi, Antonio Giacomini, messer Cosimo de Pazzi, Francesca Pepoli, e Francesco Valori. É de crer que estes retratos fizessem parte dos mencionados *frammenti storici*.

— Antes de passar a examinar a correspondencia diplomatica de Machiavel, e as suas principaes obras de politica e de philosophia historica, tenho por conveniente por diante dos olhos dos leitores uma curiosidade interessante ácerca do mesmo Machiavel.

Ao começarmos a fallar d'este grande homem, dissémos logo ser opinião *quasi unanime* a dos que lhe attribuem vastidão de conhecimentos, um talento admiravel, e mais do que talento, um genio poderoso e grande.

E com effeito, n'este terreno, no da apreeiação do engenho e illustração de Machiavel, tem os criticos, ainda os mais severos, patenteado franca e desembaracadamente a sua admiração.

¿ Como, pois, me atrevi eu a escrever — *quasi unanime*?

De proposito o fiz, para especificar a unica excepção que se encontra no brilhante coro, no grandioso *tutti* de louvores e encarecimentos.

Partio das fileiras dos Jesuitas a seta, com que se pretendeu atravessar a gloria de um grande homem. Ao Padre João Lourenço Lucchesini coube a missão de desaffrontar a Companhia de Jesus, por meio da publicação de um opusculo pretencioso que tinha o titulo de:

Saggio delle sciocchezze scoperte nelle opere del Machiavelli del padre Lucchesini (Ensaio das parvoices descobertas nas obras de Machiavel pelo Padre Lucchesini.)

Não se contentando o Padre Lucchesini com denunciar alguns principios e máximas, que o famoso livro do *Principe* encerra, e que em verdade são detestaveis e merecedoras de severa censura, — entendem de si para si que devia dar um quinão de parvo ao homem mais engenhoso e atilado, mais cordato e mais erudito da Italia na ultima metade do seculo XV, e na primeira do seculo XVI.

Mas os livreiros (nem foi necessario que escriptor algum tivesse o incommodo, ou descêsse á humilhação de combater um tal adversario), os livreiros vingaram nobre e chustosamente a memoria do Secretario Florentino. Abreviando maliciosamente o titulo do opusculo de Lucchesini, punham apenas no rosto do mesmo opusculo: — *Sciocchezze dal P. Lucchesini* — como se dissessem: — *Parvoices do Padre Lucchesini*. — O livro do Jesuita não mais pôde erguer-se do ridiculo.

Bem merecido foi o castigo do presumptuoso campeão da Campanhia Rei; por quanto, permitido será dizer tudo contra Machiavel... menos asseverar que fosse parvo um homem de genio, a respeito do qual, ha quasi quatro seculos, se tem levantado um *hosanna* geral de encarecida admiração.

Um critico italiano, Giuseppe Baretti, que não poupa Machiavel na parte politica e moral dos escriptos, — antes n'esse terreno se mostra exces-

sivamente severo e implacavel, — Baretli, dizemos, é admiravel de graça e de ironia, quando se lembra de Lucchesini. Percorrendo as diversas obras do Secretario Florentino, e encontrando nella todos os requisitos e predicados, todos os quilates do verdadeiro merecimento litterario, lembra que se reünam todas as considerações por elle Baretli apresentadas, que se pése bem tudo, e se diga se tem o senso commum o Padre Lucchesini! Não era boa a moral inculcada por Machiavel no seu *Principe*; mas chamar parvo ao Secretario Florentino... *Jesus Maria! È necessario ser frade, desde os bicos dos pés até á cabeça, para ousar dizer cousa tal!*

— Pigliamole tutte insieme queste cose, pesiamole accuratamente, e poi allaciancela bene insù, e trattimolo di sciocco, come hanno fatto infiniti Frati, e nominatamente il Gesuita Lucchesini! Niccolò non era per certo un uomo di buona morale, come vedremo tosto; ma ch'egli fosse un uomo scioccho! *Gesummaria!* È bisogna ben essere Frate da capo a piedi, per arrischiarsi a dire di queste cose! = (1)

— Os Frades, e particularmente os Jesuitas, chegaram a assacar a Machiavel um *senão* terrivel, e vinha a ser — que o illustrado Secretario Florentino *não sabia latim!*

Basta ler os *Discursos sobre a 1.ª Decada de Tito Livio*, para se conhecer que Machiavel manejava com facilidade os escriptos da antiguidade romana, e penetrava profundamente o sentido das mais deflicais passagens dos historiadores e poetas da antiga Roma.

Em logar competente havemos de transcrever a famosa carta que Machiavel escreveu em 10 de dezembro de 1513 ao seu amigo Francesco Vettori, dando-lhe conta do modo como passava o tempo em uma propriedade do seu patrimonio nas visinhanças de S. Casciano. É n'essa carta que encontramos expressões ardentes e vivamente entusiasticas, repassadas de sentida admiração para com os Historiadores e Philosophos Romanos e Gregos, na leitura dos quaes se deliciava, nas caladas horas da noite.

— «Quando vem a noite (diz elle ao seu amigo) retiro-me para casa; entro no meu gabinete, e despindo o trajo de aldeão, que vem coberto de pó e enlameado, visto-me decentemente, e penetro na corte veneranda d'esses homens da antiguidade. Recebem-me com benevolencia, e começo a nutrir-me com o alimento que tanto me convém, e para o qual parece que fui creado. Não me acobardo de praticar com elles, nem de lhes perguntar os motivos das suas acções; e tão bondosos são, que me respondem attentos e delicados; de sorte que, por espaço de quatro horas não sinto desgosto, esqueço-me do meu infortunio, não temo a pobreza, nem me atterra a morte.» =

Ouçamol o na sua arrebatadora linguagem:

— Venuta la sera mi ritiro in casa, ed entro nel mio scrittoio, ed in sull'uscio mi spoglio quella veste contadina, piena di fango e loto, e mi metto panni civili e curiali; e rivestito condecientemente entro nelle antique corti de gli antiqui uomini, dove da loro ricevuto amorevolmente, mi pasco di quel cibo, che solo è mio,

(1) Prefazione alle opera del Machiavelli di Giuseppe Baretli.

e per il qual io nacqui, io non mi vergogno parlare con loro, e domandare della ragione delle loro azioni, e quelli per loro umanità mi rispondono, e non sento per quattro ore di tempo alcuna noia, dimentico ogni affanno, non temo la povertà nè mi sbigottisce la morte» = (2)

¿Fóra acaso possível que não soubesse latim um homem que fallava com tamanho entusiasmo ácerca dos escriptores da antiguidade, e que nas suas obras deu mostras de penetrar no amago do pensamento d'esses escriptores?

Mas ha uma prova sem réplica, n'este particular; e em presença d'ella cessariam todas as duvidas, se duvidas podesse haver para a critica imparcial.

Machiavel traduzio em linguagem toscana a famosa *Andria* de Terencio; e ninguem dirá que seja capaz de levar ao cabo, e desempenhar com bom exito uma tal versão, sem saber a fundo a lingua latina. Um critico italiano deu-se ao trabalho de collocar uma scena do original de Terencio em frente da traducção de Machiavel, e concluiu, com toda a segurança, que o Secretario Florentino era um latinista da primeira força, e penetrava nos mais reconditos mysterios da lingua do Lacio. (3)

— Pareceu-me indispensavel collocar Machiavel ao abrigo de estullas censuras, — antes de entrar no exame das suas produções politicas, — das quaes começarei a occupar-me no artigo immediato.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MOYSÉS COM AS TABOAS DA LEI

Filho d'Amram e de Jocabed, Moysés nasceu na terra de Gessen, cerca de dezeseis seculos antes de Jesus-Christo. A tocante historia do seu nascimento é conhecida, e sabe-se que, apenas de tres mezes foi abandonado sobre o Nilo n'uma barquinha de junco, e que a filha do rei do Egypto o recolheu e adoptou por seu filho e lhe chamou Moysés, «porque, disse ella, o tirei da agua.» O nome de Moysés é com effeito um composto de duas palavras egypcias, *moy*, que significa agua, e *hyses*, salvo.

Moysés instruiu-se nas sciencias. Tinha apenas tres annos quando o rei Pharaó se tornou a casar, e o pequeno Moysés, tomando parte no festim, brincava com a corôa, pondo-a na cabeça. Balaão, eunuco do rei, vendo isto, diz-lhe: «Senhor, recorda-te do teu sonho; com certeza o espirito de Deus está n'esta criança. Se tu não queres que o Egypto seja destruido, é preciso que ella morra.» Este conselho foi adoptado por Pharaó, que tinha visto em sonhos um velho com uma balança na mão, estando n'uma das conchas todos os habitantes do Egypto e na outra uma creança, cujo peso egualava a todo o dos habitantes.

Estavam dispostos a matar Moysés quando Deus enviou o anjo Gabriel, disfarçado n'um dos principes da corte de Pharaó, que disse: «Eu não julgo que se deva matar uma criança que não tem ainda juizo, e antes sim é necessario expe-

(2) Lettera di Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori, Ambasciatore a Roma.

(3) Vêja — *L'Andria* di Terenzio, tradotta in toscano di Niccolò Machiavelli.

A confrontação que indico, no texto, pôde ver-se no tomo I, pag. XXXV a XXXIX da Prefazione, já citada.



rimental-a. Dêmos-lhe a escolher uma perola e um carvão ardente. Se escolher o carvão está provado que não tem juizo, e que não teve má intenção pondo a corda real na cabeça; mas se pegar na perola é uma prova de que tem juizo, e então poderá ser morto.» Apresentando-se a Moysês um carvão ardente e uma perola elle ia a pegar na perola, mas o anjo segurando-lhe

subitamente na mão fez-lhe pegar no carvão, que elle mesmo levou á lingua, que, queimando-lh'a, foi a causa de ficar tartamudo.

Quando Moysés attingio a idade de quarenta annos renunciou á pompa e riquezas da corte de Pharaó para partilhar a ignominia de seus irmãos. Testemunha da sua afflicção commovêra-se profundamente! Encontrou um hebreu que era maltratado por um egypcio, e não vendo pessoa alguma que o defendesse aquelle matou este e sepultou-o na areia. No dia seguinte encontrou dois egypcios batendo-se: «Porque bate em seu irmão?» perguntou elle ao mais robusto. E este respondeu-lhe: «Quem vos instituiu sobre nós por principe e por juiz? quereis matar-me como matasteis hontem um Egypcio?» Pharaó, informado da acção de Moysés, procurava o meio de o fazer morrer; os rabinos acrescentam que o rei ordenou que lhe cortassem a cabeça, mas que a espada achou no seu pescoco a resistencia do marmore. Moysés sahio então do Egypto e retirou-se para além do Mar-Vermelho, e ali casou com uma das filhas do padre Jethro. Os rabinos acompanham a historia dos amores de Moysés e de Sephora de tudo quanto ha de maravilhoso na imaginação dos orientaes.

São bem notorios os milagres por elle operados no Egypto para resgatar os hebreus, milagres que foram coroados com a passagem do Mar-Vermelho.

Moysés chegou a Sinai onde Deus deu a lei ao seu povo, no meio de relampagos e trovões, e quarenta dias depois descendo do monte trouxe as duas taboas em que estavam gravados os dez mandamentos da lei; mas quebrou as indignado á vista do bezerro d'ouro, que Aarão tinha erigido na sua ausencia, e foi obrigado a talhar novas taboas, e voltou ao monte, onde passou outros quarenta dias. Nas differentes praticas que teve com o Eterno, recebeu de sua bocca as ordenanças moraes, civis e religiosas que promulgou solennemente.

Moysés, o poderoso legislador, amado de Deus e dos homens, morreu na montanha de Nebo, com cento e vinte annos, sem nunca ter experimentado os incommodos da velhice.

O D. JUAN DE J. ZORRILLA

A nacionalidade hespanhola, que nasceu, medrou e se foi opulentando á custa de tantos seculos e de tantas alluviões de racas estrangeiras, acaba de chegar a um dos marcos milliares de sua historia, e quem sabe se neste ponto a mão invisivel da Providencia não virá levantar uma cruz? Os povos são como os homens: quando se desviam da estrada real do dever, perdem-se nas veredas tortuosas da cegueira, e assim perdidos e cegos caem sob o punhal do salteador! Do seu erro, já irremediavel, que lhes resta? Quatro ossos numa estrada, e ao pé uma cruz, se a mão piedosa lh'a quiz levantar para memoria, e exemplo de incautos! Mal diria aquella boa terra de Hespanha, por tantos seculos princesa da Europa, que os timoneiros de seu governo, aquelles tão auspiciosos reis catholicos, lhe haviam da arrojar um dia a areia sancta de suas glorias contra os formidaveis escolhos do Vaticano! Sceptro de Hespanha, orgulho de nacionaes, inveja de estranhos, pasmo e admiração

de todos, — transformaram-te em poste de ignominia, mal que os teus inimigos te foram ensanguentar, a titulo de lavacro nas aguas lustraes de Roma! Quantos e quantos filhos de Hespanha não ficaram esmagados sob o peso enorme d'esse... sceptro de ferro? O sangue do justo clamou vingança para o céu, e os impios escorregaram no sangue dos innocentes! Os erros d'uma politica desgraçada atiraram com a corôa de Isabel II aos pés do povo revoltado, e agora, talvez para sempre, jaz nos pendores da Sierra Morena. Roma cahiu sob o peso da sua immoralidade, e não compellida pelo choque violento do christianismo; Francisco II affogou-se nas lagrimas de seus escravos, que não só no sangue derramado pela espada valente de Garibaldi; Isabel II de Hespanha abysmou-se e submergiu-se no tremedal de seus miseraveis crimes, que não foi ao grito de 14.000 homens revoltados por Serrano e Prim que esta infeliz criminosa succumbiu. Não se queixe da inepecia de Novaliches, mas do fanatismo de sua religião sacrilega. O cadafalso levantado por suas mãos, e escorado por Claret, desaba sobre os architectos! E a Hespanha? Deus dirá o que ha de ser... De sua antiga grandesa restam as maravilhas da sua architectura, as tradições de seu nome guerreiro, as aventuras amorosas de seus *caballeros* e mais nada... Perdão; que da Hespanha morreu o que o tempo em sua voragem podia consumir. A litteratura, que é a vida inteira d'um povo, sua alma, seu elemento immortal; esse padrão authenticico de glorias que a Hespanha podia legar aos seculos, isso ficou sobrenadando, como o lotus, á flôr das ondas revolucionarias. O ostracismo a que a Hespanha foi votada por seus proprios filhos, a corrupção moral, que é consequencia legitima de povos escravizados, reflectiu-se na litteratura, e tambem esta andou por muitos annos desacreditada no estrangeiro, e sabe Deus com quanta injustica!

Quando a idade média commentava S. Agostinho, copiava Biblias e construia mosteiros, já a Hespanha se não contentava com o mel da abelha mysteriosa de Platão, com as logomachias da Escholastica, nem com as versões de Horacio e Euripedes; o poema do Cid recitava-se pelas salas do castello roqueiro, e a patria de Espronceda desnudava os seios uberantes, onde mais tarde havia de beber o leite da poesia o tão fecundo, quanto aventureiro, Lope da Vega. Nenhuma das litteraturas, que hoje campeam de ricas e adiantadas, deixaram de inspirar-se na hespanhola. O abundantissimo theatro de Lope da Vega lançou os fundamentos á eschola romantica, de que tanto alardeia o orgulho francez. Calderon ainda hoje dá seiva e inspiração ao theatro de Scribe. Juan Ruiz d'Alarcon é o precursor da eschola de Molière, assim como este é o Christo da comedia franceza. Até Victor Hugo, um dos primeiros, se não o primeiro poeta de nossos dias, precisou de imitar a Bohemia de Madrid para escrever a celebre Esmeralda da Notre Dame de Paris! O tão nomeado *Menteur* de Corneille encontra-se nas obras d'Alarcão; a Corneille e principalmente a Scarron deu Francisco de Rojas assumptos e pautas. Eugenio Baret confessa que o theatro francez possui mais de duzentos dramas, que vieram de Hespanha. Ficamos pasmados ao lér se a *Historia comparada das litteraturas hespanhola e franceza* de Puibusques;

porque mal podemos crer na lista immensa das imitações francezas feitas sobre o theatro hespanhol. De que servem citações para comprovar factos que ninguem contesta; embora nem todos confessem?

(Continua)

J. SIMÕES DIAS.

MARTYR DE AMOR

(Continuado de pag. 352)

IX

O balsamo da meiguice

— Diga me, sr. Claudio, ama realmente essa formosa menina, por cuja causa o seu espirito se tem desvaído em paroxismos, que tanto podem porvir de uma verdadeira paixão como de um contrariado capricho?

— Que quer v. ex.^a que eu lhe responda, minha senhora?

— A verdade, e só a verdade.

— E de que servirá a v. ex.^a o conhecimento d'essa verdade?

— Tem razão! Fui indiscreta. Julguei que os titulos da amizade me auctorisavam a isso. Illudi-me; quer guardar intacta a chave do sacrario do seu coração, faz bem. As expansões communicativas são lenitivo ás grandes dores; os grandes caprichos, como tem de afivelar em publico a mascara da mentira, envergonham-se de apparecerem desmascarados aos olhos da amizade. Desculpe-me a imprudencia de querer entrar nos mysterios intimos do seu espirito.

A serena gravidade e meiga altivez com que D. Henriqueta dizia isto ao joven aspirante de marinha, fizeram envergonhal-o do atrevimento, com que da sua inconveniente replica excedera a supposta inconveniencia da pergunta d'aquella bondosa senhora.

— Eu é que tenho a pedir-lhe perdão, sr.^a D. Henriqueta, da phrase que inconsideradamente proferi! Inconsideradamente, não digo bem; com menos delicadeza e polidez do que a que devia a v. ex.^a; mas inconsideradamente não, pois, agora que suppliquei a minha desculpa, repito, muito de animo sereno, e com todo o respeito devido a v. ex.^a, a mesma interrogação: de que lhe servirá, minha senhora, o conhecimento d'essa verdade? Acaso importa aos que passam a lufada que desfolhou as petalas da rosa? o espinho que se cravou na timida corça entre as uras do matagal póde importar a alguém? póde importar-lhe o tronco da arvore da encosta que tomba pendida pelo raio de procella? Que póde interessar-lhe a minha dôr, sr.^a D. Henriqueta? Para dar-me um escarneo ou uma compaixão? Vale qualquer das esmolas o sacrificio de uma confissão sincera?

— Assim o entende, assim o executa. Livre-me Deus de discutir esse melindroso assumpto. Não quero que vá imaginar no seu orgulho, que eu estou armando rede á sua sinceridade para ter ensejo de dar expansão ao meu... como disse?... ao meu escarneo ou á minha compaixão. É muito altivo para aceitar qualquer esmola.... Eu tambem sou muito soberba para descer a dar-lha. Ponhamos ponto final no incidente.

— E a camara, satisfeita com as reciprocas explicações, passa á ordem da noite!... acrescentou

tou rindo Christovam, até ali distraído a namorar as ondulações do fumo do seu cachimbô.

— Mas, como a ordem da noite é este mesmo assumpto, continuaremos n'elle se m'ò permittem, replicou Claudio, que buscava este ensejo, para se reabilitar perante o juizo de D. Henriqueta.

— Então fica prejudicada a moção de ordem? tornou Christovam.

— Não houve requerimento para julgar a materia sufficientemente discutida? acrescentou a dama com graciosa amabilidade.

— Houve sim, minha senhora, mas posto á votação, foi regeitado. O officio do apagador soffreu um desaire d'esta vez e a discussão continúa amplissima sobre o assumpto, tanto que eu peço a palavra.

— Tem a palavra o sr. Claudio, respondeu com gravidade comica o dono da casa.

— O auditorio está attento; acrescentou D. Henriqueta.

— Eu pedi a palavra para declarar....

— Que nos vaes macar com um discurso!

— Não interrompam o orador.

— Deixe, minha senhora, que pelos apartes rebrilham os genios oratorios.

— Como o teu.

— Exactamente, como o meu!

— O dialogo prejudica a ordem e a regularidade da discussão.

— A sr.^a D. Henriqueta tem razão. Sr. presidente chame á ordem.

— A ordem! gritou Christovam, batendo com a chaminé do cachimbo n'um copo, que o acaso lhe deparara sobre a mesa, para simular a ordeira campanha presidencial.

— Eu já perdi o fio do discurso!

— E não saes do labyrintho de Creta sem esse auxilio?

— De certo que não... meu amigo estou enredado no meandro.

— Pois bem! serei eu a Ariadne; interrompeu D. Henriqueta, la dizendo o orador, que...

— Que não sabia para que v. ex.^a quizera conhecer os quilates da minha affeição por Lucia.

— E eu dizia que, se desejava investigar este profundo e importante mysterio, não era decerto pelo vaidoso prazer de offerecer-lhe...

— Uma esmola de compaixão ou de escarneo.

— Pois olha, que nem tanto tu mereces, acrescentou Christovam.

— Obrigado pelo favor, mas, em vista d'elle, anço-me reconhecido nos braços da amizade, que me offerece a sr.^a D. Henriqueta.

— Vê como o chamei ao bom caminho!? Se não fôsse vulgar repetia-lhe o adagio.

— Quem a boa arvore se chega... realmente não é o teu forte a modestia, Henriqueta!

— Agora não! e tu bem sabes que as mulheres nunca sabem ser modestas nos lances de abnegação.

— Mas deitas a perder o rapaz se lhe dás importancia aos ridiculos soffrimentos d'isso que elle chama a sua paixão, e olha! que depois ninguem o atura.

— Atural-o ei eu! deixa.

— Tua alma, tua palma! Não contem comigo!

— Assim me abandonas, cruel amigo? A sr.^a

D. Henriqueta é bem mais generosa do que tu! perdoa até as offensas, esquece os resentimentos para voar em auxilio do meu soffrer, em quanto que tu me voltas inexoravelmente as costas.

—É que este artigo da *Revista dos Dois Mundos* está a chamar a minha attenção... e tu has de confessar... o teu namoro não vale o mais somenos dos artigos da menos interessante revista.

—Não julgarias assim decerto as tuas paixões!

—É porque eu nunca ousei chrismar com o pomposo titulo de paixões, umas pieguices futeis e banaes, dignas de serem assumpto de uma comedia para o theatro de *marionettes*!

—Quem te disse que eu não sou tambem capaz de sentir um amor verdadeiro e violento, Christovam?

—Quem m'o disse? Tu...

—Eu?

—Sim tu! Quem ama devéras não enverga a roupeta miseravel do ridiculo para se elevar aos olhos da mulher amada.

—Aqui o defendo eu, Christovam, desculpa-me discordar da tua opinião! Não devéra fallar assim em desabono do meu sexo, mas impelle-me a consciencia da verdade. O espirito da mulher é quem marca o caminho para o procedimento do homem. Lucia é uma creança, que se apraz com brinquedos e contos phantasticos, por isso o teu amigo envolve o seu sentimento, n'uma mascara de brincadeira, e fez da poesia do seu amor uma historia como...

—Como a da carochinha. Estás justificado, Claudio.

—V. ex.^a compreendeu e definiu o que eu sentia dentro da minha consciencia, mas que não sabia apreciar á luz da razão, nem converter em palavras. Tenho sido ridiculo, confesso-o, mas dentro d'esse involuero grosseiro vive um sentimento leal. Amo aquella creança! adoro-a com os seus caprichos, com as suas veleidades, com as suas contradicções, com todos os seus defeitos.

—Vê que chegou á confissão?

—O que esconderia eu de v. ex.^a, que estende a mão a um infeliz....

—Mas não para lhe dar a esmola de....

—É inexoravel, minha senhora! Não perdôa uma falta já expiada pelo arrependimento....

—Perdoo e sou generosa! Conheço o genio de Lucia, como Christovam conhece o seu: fomos educadas juntas. Sei que posso advogar a sua causa junto d'aquelle espirito irreflectido, leviano, caprichoso, mas bom e leal no fundo. É uma formosa creança que promete tornar-se uma santa mulher. Perdoemos-lhe as exuberancias d'uma mocidade mal dirigida por uma falsa educação social. Quando o sol da razão alvorecer brilhante na sua existencia vel-a-á meiga e affavel para o homem que souber inspirar-lhe um sentimento verdadeiro. Eis o motivo da minha pergunta. Sei que, apesar dos seus verdes annos, sr. Claudio, aninha no peito um coração de cavalheiro, incapaz de pedir á amisade protecção para uma infamia. Conheço o seu espirito atravez da apreciação imparcial e recta de Christovam...

—Olha que eu nunca lhe disse senão mal de ti!... bradou de subito o amigo de Claudio.

—Deixe-o fallar, que não esquece os impulsos

da facecia, nem nas conversações mais graves! Christovam é seu amigo, e eu com o respeito que tenho sempre pelas suas opiniões encontro n'elle um optimo fiador das suas qualidades.

—Está-me a comprometter contigo, Claudio.

—Bem sei! mas agradeço e accetto o compromettimento e beijo as mãos a ambos. Se eu duvidasse da amisade teria hoje uma prova de que essa santa virtude social não é um mytho.

—Não te illuda a tua confiança!

—Não, que é depositada n'um anjo! replicou o moço aspirante, olhando reconhecido para D. Henriqueta.

—Torna-se agora lisongeiro! volveu esta com um modesto sorriso.

A conversação proseguiu n'este agradável tom, que lhe imprime a familiaridade sem doblez, maiormente quando a mulher, o anjo domestico, a dispensadora de todos os balsamos para as dores d'alma, a dirige e encaminha sob os auspicios da sua celica protecção.

Claudio ao sair levava o coração cheio de reconhecimento e de esperanza; via os horisontes da vida azues e dourados de reflexos de felicidade, como jámais na existencia vira. Quando o somno lhe cerrou as palpebras, surgia-lhe entre sonhos perfumados, a doce visão de Lucia, conduzida para elle pela mão de Henriqueta, que vinha espalhando rosas no caminho que haviam de percorrer os dois, e só a espaços se lhe levantava, como espectro do escarneo, o vulto zombeteiro de Christovam, a dizer-lhe entre casquinadas de riso:

—Toma cuidado não te vás suicidar outra vez!

Então no seu espirito sentia nascer alentos de reaccção contra o acoite do escarneo, que o flagelava; e mesmo em sonhos respondia:

—Deixa, que me hei de desafrontar triumpphantemente!

Ditoso somno o dos deseseis annos!

(Continúa)

C. B.

O EXTRACTOR DE RESINA

Na região arida do meio dia da França, que se estende de Bordéas a Bayonna, vastas florestas de pinheiros cobrem uma grande extensão de terreno. A resina d'estas arvores é extraída por camponios, que fazem d'este trabalho a sua unica occupação e devem á maneira de o operar a conformação particular dos pés, que se assemelham muito á dos mactacos. Para treparem aos troncos cylindricos dos pinheiros, servem-se de uma percha atravessada de distancia a distancia por pequenos degrãos, sobre os quaes elles apenas pódem pôr os dedos d'um pé, emquanto que com os do outro se engatam na arvore, separando o pollegar dos outros dedos como se fossem os dedos da mão. Tal é a mobilidade e a destreza que adquirem, com o tempo, os dedos dos pés d'estes homens, que pódem não só arrancar a cortiça dos pinheiros, mas segurar o instrumento de que se servem para cortar no tronco da arvore quando extraem a resina, e até apanhar qualquer objecto por pequeno que seja. É facil de distinguir sobre a areia as pegadas d'estes homens das de todos os outros habitantes de Landes.